

ARTESANATO SAGRADO

A TRADIÇÃO DOS TRANÇADOS DE “PALHAS OU RAMOS BENTOS” EM APODI (RN)

Nilton Xavier Bezerra (UFRN)

O objetivo deste artigo é principiar uma análise sobre a feitura dos “ramos bentos” em Apodi (RN), ressaltando quais motivações contribuem para a continuidade desse artesanato elaborado com a palha da carnaúba. Seu reconhecimento popular, coligado às crenças do cristianismo católico, singulariza sua produção diante daqueles de feição utilitária ou de apelo comercial que, em comum, dispõem da carnaúba como matéria-prima.

CARNAÚBA, ARTESANATO, SAGRADO, RAMOS BENTOS.

BEZERRA, Nilton Xavier. Artesanato sagrado: a tradição dos trançados de “palhas ou ramos bentos” em Apodi (RN). *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 123-136, nov. 2012.

SACRED CRAFT

THE TRADITION OF WOVEN "STRAW OR HOLY BRANCHES" IN APODI-RIO GRANDE DO NORTE STATE

Nilton Xavier Bezerra (UFRN)

The objective of this paper is to begin an analysis of the making of "holy branches" in Apodi (RN), emphasizing motivations which contribute to the maintenance of this elaborate craftsmanship with carnaúba straw. Its popular recognition, which is related to the beliefs of Catholic Christianity, distinguishes its production from those with utilitarian features or commercial appeal that share the carnauba as raw material.

CARNAÚBA, HANDMADE, SACRED, HOLY BRANCHES

BEZERRA, Nilton Xavier. Artesanato sagrado: a tradição dos trançados de "palhas ou ramos bentos" em Apodi (RN). *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 123-136, nov. 2012.

BREVE INTRODUÇÃO

Extensos carnaubais emolduram os arredores do município de Apodi, no Rio Grande do Norte. De início, destacam-se como marcos paisagísticos dos baixios úmidos, indicativos dos cursos d'água escondidos na aparente esterilidade das terras semiáridas; outras vezes, margeiam rios e lagoas como componentes vegetais das derradeiras nesgas de mata ciliar. Da planta – a carnaúba (*Copernicia prunifera*), palmeira de aspecto ornamental, de caule retilíneo e copa arredondada, composta por vistosas folhas em forma de leque – soube o homem sertanejo dispor para as mais variadas destinações, entre as quais, de maneira especial, a confecção do artesanato resultante do extrativismo de suas palhas e talos, atividade hoje em dia reconhecida como alternativa econômica e meio de sobrevivência para inúmeras famílias que aprenderam a conviver com longos períodos de estiagem, circunstância que regularmente compromete ou inviabiliza a economia local fundamentada na produção agrícola e no criatório de gado bovino. No entanto, a realização de um dos objetos característicos do fazer artesanal em Apodi não define seu uso como bem de consumo duradouro ou comercial: os ramos ou palhas bentos, reconhecidos pela comunidade como pertencentes ao campo do sagrado porque revestidos de valor religioso e, portanto, distintos daqueles inseridos nos costumes mais rotineiros e profanos.

O aproveitamento da carnaúba como matéria-prima é notável em todo o território apodiense. Para a arquitetura habitacional, contribuinte da fixação humana na região, forneceu o madeiramento para os casarões coloniais e os “brabos”,¹ combinados ao entrelaçado das linhas, caibros e ripas que se alastram até os alpendres e beirais das construções contemporâneas. É componente da estrutura gradeada das paredes das casas de taipa; dos mourões que delimitam os currais e cocheiras anexos às casas rurais; das pinguelas (pontes artesanais); dos bancos de aparência minimalista para o descanso do dia. Sua madeira metamorfoseia-se ainda na estrutura e nos degraus das escadas usadas para a escavação dos poços d'água, e o emaranhado de suas raízes, quando arrancado do solo, adquire as feições de um vaso rústico em que se costuma cultivar ervas aromáticas e medicinais para o consumo doméstico.

Sua palha é utilizada na confecção de vassouras para a limpeza matinal dos terreiros e calçadas; quando tramada, resulta em chapéus, proteção essencial para o corpo exposto ao sol vigoroso e também em bolsas, bornais e esteiras, empregadas outrora como substitutas das mesas para as refeições e como forro dos estrados das camas. A palha “engarajada” ou trançada em pares duplos de folhas era comercializada para uso desconhecido nas

salinas litorâneas. Dos talos mediadores entre as folhas e o tronco, são feitas combinações com as palhas para a fabricação de diversificada cestaria; seu uso exclusivo, seco ao sol e rachado em lascas, determina a criação das “arupembas” (peneiras) utilizadas como instrumentos de cozinha. Os talos também são utilizados para a confecção de gaiolas, arapucas e armadilhas para pescaria. Ademar Alves Neto, 48 anos, agricultor do assentamento rural Palmares, recorda-se de ver, quando criança, talos dessa planta estruturando as portas das casas de taipa, presos numa armação feita com caibros e amarrados de palha de carnaúba trançados lateralmente em forma de cruz. Do pó esbranquiçado desprendido das folhas, são produzidas as ceras preta, amarela e “arenosa”, matérias-primas almejadas pela indústria. Quando maduros, seus frutos, de sabor adocicado, são comestíveis, saboreados *in natura*, enquanto as sementes são empregadas como ração animal, principalmente para porcos, bois, cabras e ovelhas, destino dado também ao palmito e ao miolo macio do tronco da carnaubeira jovem (com até de 1,50m de altura), recurso para alimentação do gado bovino, sobretudo nos períodos de estiagem.

Falar do extrativismo vegetal para os apodienses é falar de tradições que atravessaram décadas e ainda participam do imaginário e do cotidiano das famílias. A atividade que no passado abrangia a produção de óleo de oiticica e a colheita da macambira para alimentação do gado arrefeceu; a carnaúba, no entanto, continua a representar fonte de renda para a economia local, juntamente com a castanha de caju e a extração de lenha nativa. A produção artesanal consequente do aproveitamento da carnaúba, em especial de suas folhas, é atividade praticada exclusivamente nos meses secos, relevada por sua natural preferência pelos terrenos abrejados e lamacentos de aluvião, inacessíveis durante a estação chuvosa. A colheita das folhas e o aprendizado das técnicas de trançado reúnem a participação de homens e mulheres; famílias inteiras se dedicam ao artesanato de palha e desenvolvem o trabalho diariamente, chegando a estocar a matéria-prima para seu aproveitamento de janeiro a janeiro. Conscientemente, preservam o “olho da planta” (ápice caulinar) de modo a garantir a sustentabilidade desse recurso natural; os homens costumam extrair as folhas das árvores mais altas, e as mulheres das plantas mais baixas e acessíveis. Os segredos para a execução das tranças de palha, primeira parte do processo para elaboração de objetos como chapéus, esteiras e bolsas, em geral, são repassados pelas avós e mães aos filhos. Pequenas localidades ou “sítios”, especialmente aqueles situados nas proximidades da várzea do rio Apodi/Mossoró, são reconhecidos pela população local como comunidades produtoras de objetos oriundos do

trançado das palhas. Na zona rural de Apodi, as comunidades Baixa-Fechada (I e II), Trapiá, Juazeiro, Córrego, Juncal, Rio Novo, Cipó, Bamburrall, Sororoca, Queimadas, Água Fria, São Lourencinho e Pindoba (I e II) são lugares em que é possível encontrar pessoas atuando com a produção do artesanato de palha de carnaúba. O ofício é realizado coletivamente no âmbito familiar; outras vezes, observa-se o trabalho unitário e, em algumas comunidades, grupos de mulheres se organizam buscando estratégias para obter ganhos extras com eventuais encomendas e atualizar os conhecimentos transmitidos pelas avós. O escritor apodiense Valter de Brito Guerra (1982, p. 197) registrou, no início da década de 1980, a vivência do ofício e a predominância das mãos femininas nessa prática artesanal:

Outra indústria artesanal existente no município é a da palha de carnaúba. Fabricam-se chapéus, vassouras, bolsas, esteiras, exportando-se regular quantidade desses produtos. Essa indústria é praticada nos lares de família de baixa renda, principalmente nas áreas de carnaubal. Trata-se de uma atividade desenvolvida, em sua maioria, por pessoas do sexo feminino, sendo, portanto, uma indústria doméstica.

RAMOS OU PALHAS BENTOS: SUTIS EXPRESSÕES DA CULTURA APODIENSE

Conforme Durkheim (1996), o conceito de sagrado comporta heterogeneidades e não se restringe unicamente às representações de seres ou ambientes considerados divinos ou sobrenaturais, podendo ser extensivo a qualquer coisa, desde uma árvore, um pedaço de madeira e até mesmo uma palavra. Tudo o que é sacralizado é originário de uma idealização humana, concebido como algo que transcende a realidade material e passa a ser objeto de proibições e cuidados, destacando-se de alguma forma de qualquer relação imediata com o profano, gênero oposto associado ao meio físico. O pensamento durkheimiano, além de reconhecer a pluralidade das coisas consideradas sagradas, admite também a existência de cultos religiosos periféricos subordinados a um culto predominante, situação exemplificada pelo cristianismo de fé católica, centrado na representação de Jesus Cristo, no qual ao mesmo tempo são aceitas demonstrações de louvor à Virgem, aos santos, anjos e almas. Tais manifestações, sob sua perspectiva, são compreendidas como expressões coletivas da vida em sociedade.

Renata de Castro Menezes (2005), ao analisar no Brasil a realidade contemporânea do culto aos santos, classificado dentro das práticas católicas

tradicionais, ressalta simultaneamente a presença de interpretações populares ilustrativas das relações sociais constituídas no interior dos espaços e celebrações religiosas, originadas em torno dos santos de devoção. Muitas dessas são configuradas em atitudes, gestos, rezas, invocações, pedidos e oferendas materiais, crenças particulares que extrapolam à primeira vista o cerimonial dos ritos oficiais; todavia, com o passar do tempo, tornam-se aceitas, conhecidas e toleradas até certo ponto por acordos informalmente firmados entre fiéis e clérigos. Situação similar observa-se no uso movente dos ramos ou palhas bentas, feitos pela população de Apodi com a folha nova da carnaúba, transitando das celebrações públicas da Semana Santa diretamente para o cotidiano privado das casas dos crentes, em cujo contexto são renovados segundo a fé e as precisões familiares.

Câmara Cascudo (2002) descreve a tradição de cultos e crenças populares em Portugal e no Brasil associados aos rituais da Quaresma, da Semana Santa e aos festejos juninos, tendo em comum o uso de plantas como elementos simbólicos da vegetação, sejam na forma do plantio de grãos e hortaliças ou na oferenda de flores e plantas decorativas às divindades.

Segundo Mircea Eliade (1998, p. 239), analisando os símbolos e ritos da vegetação, “Nenhuma planta é preciosa em si mesma, mas sim pela sua participação num arquétipo ou pela repetição de certos gestos e palavras que, isolando a planta do espaço profano, a consagram”. Em outra observação, o mesmo autor ressalta novamente esse aspecto:

Uma árvore ou uma planta nunca são sagradas como árvore ou como uma planta, mas pela sua participação numa realidade transcendente, porque significam esta realidade transcendente. Pela sua consagração, a espécie vegetal concreta, profana, é transubstanciada” (p. 264).

Em meio à variedade de objetos originados da carnaúba, palhas ou ramos bentos são criações peculiares feitas somente uma vez por ano com as folhas tenras dessa planta; trata-se de um acessório religioso possuidor de grande interesse estético, trançado na véspera ou no próprio Domingo de Ramos e utilizado nos eventos que abrem oficialmente os festejos coletivos da Semana Santa. Nessa ocasião, os ramos participam como elementos simbólicos essenciais nos rituais da procissão e da missa solene, trazidos para as cerimônias em trouxas ou aos molhos por quem mora na zona rural ou pelos que residem na sede do município e retornam aos sítios da região à procura dos carnaubais. Tradição considerada pelos fiéis “antiga e preciosa”, pouco ou quase nada se conhece sobre sua confecção e sobre seus usos, fortemente ancorados em

crenças populares partilhadas entre praticantes do catolicismo, às vezes alheios aos ensinamentos eclesiais; posteriormente são guardados atrás das portas das casas para, de acordo com a fé popular, espantar tempestades e ventanias.

Em Apodi, dados específicos sobre essa tradição inexistem nos registros escritos, carecendo ser essa expressão investigada em tempo futuro com mais apuro e cuidado. Existem indícios da presença dos ramos confeccionados com a palha da carnaúba em municípios limítrofes, como Itaú e Mossoró, porém em menor número, misturados às folhas ou galhos de outras plantas e sem a predominância dos trançados.

Na cidade de Apodi, a programação religiosa principia com uma concentração dos participantes em local preestabelecido, escolhido como ponto de partida para uma caminhada. Durante muitos anos o percurso compreendeu o trajeto entre a Capela de São Francisco e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São João Batista; em 2012, os fiéis se concentraram diante da Maternidade Claudina Pinto. Esse momento do rito é especialmente representativo porque nele ocorre a bênção dos ramos, proferida pelo pároco local; em seguida, eles são aspergidos com água benta, transformando-se, com esses gestos, de simples palmas da carnaubeira em objetos sagrados, dignos de respeito e poderosos elementos de proteção. De acordo com representantes da comunidade apodiense, em décadas precedentes, cada ramo era imerso individualmente na água benta pelo sacerdote que conduzia a cerimônia, esse gesto era interpretado pela audiência como determinante para o reconhecimento popular da eficácia do ramo como elemento inquestionável de proteção. Tal observação repercute na desconfiança atual daqueles que não têm seus ramos devidamente molhados no instante em que eles são aspergidos e assim justificam eventuais insucessos diante de um pedido. Isso ocorre em função da menor proximidade em relação ao pároco quando se arranjam na hora da bênção ou do posicionamento diante da barreira constituída pelo acúmulo de fiéis que em torno dele se concentram, dificultando que as gotas d'água atinjam ao mesmo tempo todos os ramos; nesse caso, observa-se a função física da água abençoada como elemento que transfigura o ramo num objeto comprovadamente bento e sagrado.

Como ações componentes dos ritos iniciais, observa-se entre os participantes o momento da partilha dos ramos para expressar a generosidade, atitude especialmente convencionada às reflexões estimuladas na Semana Santa: eles são cedidos por aqueles que os possuem em quantidade para quem porventura os esqueceu. Outro fato que sobrevém concomitantemente é a feitura voluntária dos trançados, como mais um gesto de repartimento para



Figura 1: missa do Domingo de Ramos em Apodi, 2012; fonte: acervo pessoal do padre Maciel Rodrigues, pároco da Igreja Matriz de São João Batista e Nossa Senhora da Conceição, Apodi (RN)

quem dispõe nas mãos apenas das palhas colhidas da natureza, livres da beleza característica das formas trançadas. Em seguida, saindo em procissão até a Matriz, os participantes progressivamente trançam os ramos, expressando sua criatividade em surpreendente variedade de formas elaboradas com esmero.

Durante a caminhada os fiéis revivem a passagem bíblica da aclamação de Jesus Cristo à entrada de Jerusalém; nesse cenário não se vê praticamente nenhum ramo verde – salvo as raras exceções configuradas num galho de laranjeira ou num amarrado de capim-santo, costume atribuído a quem certamente saiu de Apodi e voltou trazendo a novidade –, e a cor amarelo-clara da palha da carnaubeira prevalece tremulando nas mãos dos participantes. Numa das versões do Evangelho de São João, (Cap. 12, V. 13) a narrativa sobre a entrada de Cristo em Jerusalém descreve os populares proferindo saudações festivas e portando nas mãos “ramos de palmeiras”. A citação bíblica foi suficiente para originar a interpretação popular sobre a necessidade do uso das folhas de uma palmeira para o ritual religioso; justifica-se a escolha da carnaúba como a espécie ideal por ser a mais disponível encontrada na região de Apodi. Ao chegar à igreja, enquanto aguardam o início do ritual da missa,

notadamente as mulheres recebem palhas extras para dividir com familiares, amigos e desconhecidos; sentadas nos bancos, com agilidade vão tramando artisticamente a forma modesta da palha bruta, emprestando-lhe delicadeza enquanto compõem imagens admiráveis (Figura 1).

Após a missa do Domingo de Ramos, na qual figuram como emblemas essenciais da fé cristã durante todo o ritual, é renovada uma tradição secular: parte dos ramos é entregue na igreja, ali ficando guardada e sendo em seguida incinerada, obtendo-se assim as cinzas utilizadas na missa da Quarta-feira de Cinzas, a ser realizada no início da Quaresma – período de 40 dias que antecede a Semana Santa – do ano seguinte. Se eventualmente os ramos são jogados no chão após a cerimônia, tal atitude é vista como reprovável e indesejada. Calcula-se que o costume dos ramos bentos exista em Apodi há cerca de 200 anos.

Segundo a irmã franciscana Antônia Moreira de Oliveira, 61 anos e natural de Apodi, o conhecimento dos trançados e do uso dos ramos é originário do tempo das tataravós, bisavós e avós; informação partilhada pela aposentada Raimunda Diógenes, 78 anos, que atribui o surgimento dessa prática ao tempo “dos antigos” e lamenta o seu gradual desconhecimento e abandono pelas gerações mais jovens, afeitas às “modernidades”. Entretanto, apesar das mudanças perceptíveis na vivência dessa prática e do crescimento das religiões evangélicas que não a consideram, muitos jovens perpetuam a tradição sem a questionar e alegando para isso a identificação de um ensinamento aprendido no âmbito familiar e repetido todos os anos. Câmara Cascudo (2011) considerava que “o povo dificilmente muda o que julga sagrado e certo”, por reconhecer a prática de determinados usos e costumes como um legado cultural confirmado pelos antepassados. Nessa perspectiva, há aqueles que, embora sem se identificar espontaneamente com a crença hereditária, procuram não duvidar dos supostos efeitos e do poder da fé nos ramos e costumam afirmar: “dizem que é bom ter em casa”.

FORMAS E TRANÇADOS

A utilização de palhas bentas associadas aos rituais da Semana Santa é antiga, sendo a gênese desse costume atribuída ao século XII, possivelmente chegando ao Brasil com os primeiros colonizadores, pois sua presença é notória em várias regiões com semelhantes usos pela população, especialmente na defesa contra vendavais, raios e chuvas fortes. Em Apodi, difere-se pelo trabalho artístico resultante dos trançados variáveis confeccionados especificamente com o olho da carnaúba, assimilados pela população residente ou natural de regiões em que existem carnaubais. Cada ramo resulta em trabalho único e



Figuras 2 e 3: detalhes dos trançados feitos com o ramo ainda verde, Apodi, 2012; fonte: imagens do autor

belo, feito com admirável agilidade, como se esquematizados mentalmente sem qualquer esforço. Como característica díspar dos conhecidos pontos dos bordados e da renda de bilro, não é costume nomear as formas, mesmo aquelas mais complexas, nem tampouco as tramas que elaboram desenhos diversos, porém a população reconhece e distingue algumas delas como tranças, esteiras, “sanfoninhas”, “rosas”, nós de 3 e 4 folhas ou de Santa Rita; “cobrinhas”, “estrelas d’alvas” ou “os cinco Salomão”,² além de cruzeiros (figuras 2 e 3).

Para os sertanejos da região de Apodi, “rosa” é sinônimo de qualquer outra flor, não se limitando à floração das roseiras. A forma das “rosas” é confeccionada como uma das tramas mais belas dos ramos bentos, sendo a mais popular, conhecida pela maioria dos fiéis participantes dos eventos do Domingo de Ramos. Na iconografia colorida e exuberante dos quadros com reproduções ou estampas de santos amontoados nas paredes dos espaços domésticos, reproduzindo a figura daqueles eleitos pelas devoções familiares ou na imaginária sacra exposta nos altares das igrejas, encontramos os desenhos das palmas, dos lírios e de outras flores que aparecem junto às imagens de, entre outros, são José, santo Antônio, santa Inês e santa Teresinha. Tais representações constituíram-se em referências visuais para a produção dos trançados com motivos florais.

Quanto à técnica, é consensual a distinção entre o olho e a palha da carnaúba: consideram olho a folha nova que acabou de se desprender, de cor mais clara e textura macia, imprescindível para a boa execução dos trançados, e distinta, em sua aparência, da palha, de textura mais firme, endurecida e, portanto, inadequada aos trançados dos ramos. As “rosas” são confeccionadas utilizando-se apenas uma trança de duas folhas rasgadas ao meio, técnica diversa das empregadas para a confecção dos chapéus e esteiras (figuras 4, 5 e 6). A forma da “esteira” reproduz em pequenas dimensões o trançado diagonal adotado na confecção das urupembas ou urupemas.

A CRENÇA NOS RAMOS BENTOS

Após a celebração da missa do Domingo de Ramos, muitas pessoas levam os ramos bentos para suas casas e os incorporam ao cotidiano como

Figuras 4, 5 e 6: variações da forma das “rosas”, Apodi, 2012; fonte: imagens do autor

símbolos de proteção divina, procurando escondê-los atrás das portas de entrada ou deixando-os nos oratórios domésticos, ou expostos nas paredes, arranjados à volta dos quadros retratando os santos eleitos pela devoção familiar. Com a passagem dos dias os ramos desidratam, perdem a cor original e assim são conservados (figuras 7, 8 e 9).

A fé popular os elegeu como eficazes na proteção dos lares contra o mau-olhado e para se defender da maldade alheia, o que justifica o costume de deixar o ramo virado para a porta de entrada da casa. Os ramos também proporcionam livramento para o crédulo nos momentos de grandes aflições, como uma doença grave ou um desastre iminente. Seu uso aparece igualmente associado a outras práticas: no sertão do Apodi, se uma galinha canta no terreiro como um galo, o fato inusitado é logo considerado sinal de mau agouro. Para proteção das famílias, costuma-se diante desse episódio retirar a unha do animal e fazer o desenho de uma estrela de cinco pontas ou “os cinco Salomão” numa das paredes da casa, forma reproduzida numa das tramas dos ramos bentos. Essa prática, segundo a crença popular, é alusiva à passagem bíblica do Livro de Êxodo (Cap. 12, V. 21 e 22) que relata as pragas do Egito, na qual Moisés é advertido por Deus e solicita aos cristãos que marquem com sangue de cordeiro os umbrais e vergas das portas, para livrá-los da morte de seus primogênitos. O símbolo sertanejo reforçaria a identificação da fé cristã de seus moradores.

A crença mais conhecida de seu uso é, contudo, como auxílio contra vendavais ou tempestades violentas. Nesses casos, basta a simples presença do ramo bento escondido atrás da porta da frente da casa; no passado, nesses lugares, costumava-se deixar apenas os trançados em forma de cruzes ou estrelas. Outras vezes, acompanha o ramo uma oração invocando a interseção de santa Bárbara ou então ele é queimado, e suas cinzas jogadas ao vento para abrandar os temporais. Na estação chuvosa, a força de uma tempestade





Figuras 7, 8 e 9:
ramos bentos guardados atrás das portas e em oratório doméstico, sítios Ponta, Barra e Córrego, zona rural do município de Apodi (RN); fonte: imagens do autor

ameaçadora é diminuída quando o ramo é exposto na fachada da casa, preso à porta principal ou numa janela e, diante dele, se desenha com sal uma cruz no terreiro ou então se faz o sinal da cruz quatro vezes, segurando nas mãos um copo com o ramo imerso em água benta, jogada ao vento logo em seguida.

A queima dos ramos aparece igualmente relacionada a sua renovação anual ocorrida no período da Semana Santa, pois não são guardados por mais de um ano, recordando a regeneração da folhagem da carnaubeira, das crenças e das práticas religiosas. Seu simples descarte na natureza confrontaria a aceitação de suas propriedades sobrenaturais. Reconhecidos como demonstrações de fé, ao contrário, após sua queima, as cinzas são depositadas ritualmente ao redor das casas, por dentro e por fora, assegurando dessa forma a assistência divina aos lares cristãos.

Deixar o ramo imerso num copo d'água por alguns minutos e fazer com muita fé uma oração dirigida a santa Apolônia³ transfigura o líquido em água benta, e sua ingestão cura dores de dente. Para curar dores de cabeça basta umedecer a região afetada com essa água e rapidamente se restabelece o bem-estar. Pegar um ramo bento e fazer com ele o sinal da cruz sobre uma região dolorida do corpo também é solução empregada para amenizar a dor. Essa prática se assemelha às benzeduras feitas com ervas ou plantas consideradas "mágicas", manipuladas em forma de cruz sobre as partes afetadas do corpo (ARAÚJO, 2003).

A historiadora e antropóloga Andreia Mendes (2007) menciona o uso das "folhas" bentas pela população potiguar no contexto da capital e da cidade de Venha Ver, como portadoras de proteção "num tempo de escuridão e trevas profundas". Outras funções são atribuídas às palhas bentas confeccionadas com folhas de coqueiro, capim-santo, ramos floridos de laranjeira ou de erva-cidreira, após abençoados, trançados em forma de cruz latina e fixados externamente nas portas de entrada das casas. Dessa maneira, emanariam energias benéficas,

sendo guardados e empregados para a feitura de chás curativos e no livramento de doenças, mau-olhado, ventos fortes e tempestades.⁴

CONSIDERAÇÕES

Espécie nativa, identificada pelos nordestinos como “árvore da vida”, em função dos muitos usos resultantes do beneficiamento de suas partes, a palmeira carnaúba alcançou inegável valor histórico, cultural e econômico entre as populações habitantes na região do semiárido. Na realidade do município norte-riograndense de Apodi, extrapolou a dimensão puramente material como fonte de recurso extrativista, multifacetada na ampla produção de bens incorporados à realidade do homem sertanejo.

Os belos trançados confeccionados com suas folhas são expressões culturais ainda a desvendar e, nesta brevíssima e inicial apreciação, se destacam como produções variantes do artesanato local que concretizam a simbólica relação entre o humano e o sagrado. Manifestado esse sagrado num conjunto de crenças populares que atravessaram gerações, amparadas em expressões de catolicismo que alterna bases teológicas e laicas, esse artesanato se incorpora à renovação anual dos ritos do Domingo de Ramos, episódio que marca o início dos eventos da Semana Santa e comprova, além disso, o alcance da religião católica no contexto do oeste potiguar, apesar das mudanças comportamentais dos fiéis e de sensível declínio entre a população assim declarada devido ao perceptível aumento das igrejas evangélicas.

A manutenção da importância dos ramos bentos se deve atualmente à preservação de práticas culturais assimiladas no histórico das famílias sertanejas residentes na proximidade de carnaubais, sobretudo, naquelas localidades em que o artesanato é vivenciado como tradição e opção de trabalho. Nesse domínio, a importância da preservação da planta nos motiva a pensar igualmente na manutenção dos processos desse fazer artesanal e de todo um conjunto de crenças religiosas suscitadas por sua existência e pela fé popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Iaperi. *A medicina popular*. Natal: AS Editores, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.
- _____. *Religião no povo*. 2. ed. São Paulo: Global, 2011.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (Coleção Tópicos).

- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Tradução: Fernando Tomaz, Natália Nunes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GUERRA, Valter de Brito. *Apodi no passado e no presente*. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1982 (Coleção Mossoroense, v. CII).
- GURGEL, Deífilo. *Espaço e tempo do folclore potiguar*. Natal: Funcart, 1999.
- MENDES, Andreia Regina Moura. *Malhação do Judas: rito e identidade*. Dissertação de mestrado UFRN, Natal, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-andreia-a-malhacao-do-judas-rito-e-identidade.pdf>>. Acesso em: 27/05/2012.
- MENEZES, Renata de Castro. Uma visita ao catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 24-35, set.-nov. 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/67/03-menezes.pdf>. Acesso em: 30/05/2012.

NOTAS

1 Troncos lavrados à mão e dispostos transversalmente nos telhados.

2 Não há consciência alguma da população sobre o significado dessas representações como símbolos atribuídos às tradições judaicas praticadas por famílias de cristãos novos viventes no sertão potiguar durante o período colonial; são aceitas inquestionavelmente como relacionadas ao cristianismo católico. Durante pesquisa etnográfica realizada em 2004 na cidade de Venha Ver (RN), a antropóloga Andreia Mendes (2007) não encontrou indícios que sustentassem a associação entre a fixação de cruzeiros de palhas ou ramos bentos à entrada das casas com costumes de origem judaica, atestando ser essa uma prática característica do catolicismo popular. O folclorista norte-riograndense Deífilo Gurgel (1999) descreve os “signos de Salomão” como amuletos usados contra a maldade, elemento presente nos chapéus dos cangaceiros. Durante a pesquisa realizada para a escritura deste artigo, as estrelas ou “os cinco Salomão” não foram visualizados, sendo apenas mencionados pelos interlocutores e descritos como formas pouco usuais realizadas pelos antepassados.

3 Santa Apolônia foi uma virgem cristã martirizada em Alexandria, no Egito, queimada viva, teve antes seu rosto desfigurado e todos os seus dentes violentamente quebrados e arrancados, por essa razão é considerada a santa padroeira dos dentistas. É invocada em orações para aliviar dores de dentes.

4 Em Apodi, é costume guardar os ramos atrás das portas de entrada, ou virados para elas, nos oratórios ou nos guarda-roupas dos quartos de dormir. Em Venha Ver, nas casas dos crentes, eles são fixados externamente. O mesmo costume se observa na cidade de Guaramiranga, no Ceará, Em todos os casos, diante de uma grande necessidade eles são empregados para a feitura de chás.

Nilton Xavier Bezerra é mestre em antropologia social pelo PPGAS da UFRN, graduado em educação artística – artes plásticas pela mesma instituição. Atua como professor de arte do IFRN Campus Apodi e pesquisador do Grupo de Estudos sobre Culturas Populares (UFRN).